

# The Dare

ELLE  
KENNEDY

BRIAR U

O JOGO DE TAYLOR E CONOR

Tradução

JULIANA ROMEIRO

pa  
ra  
le  
la

# Sumário

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

Epílogo

*Sobre a autora*

*Créditos*

## TAYLOR

É sexta à noite, e estou assistindo às mentes mais brilhantes da minha geração se destruindo com shots de gelatina azul, tirados de baldes de tinta de quarenta e cinco litros. Corpos suados e seminus se contorcem, frenéticos, hipnotizados pelas ondas subliminares da excitação eletrônica. A casa está apinhada de alunos de psicologia reproduzindo seu ressentimento parental. E de alunos de ciência política plantando as sementes dos cheques que terão que assinar daqui a dez anos para comprar o silêncio de alguém.

Ou seja, a típica festa de fraternidade.

“Já reparou como música eletrônica parece gente bêbada transando?”, comenta Sasha Lennox. Estamos juntas num canto da sala, nos camuflando entre o relógio de pedestal e um abajur alto.

Ela me entende.

É o primeiro fim de semana desde que voltamos das férias de primavera, o que é sinônimo de Festa Anual da Ressaca de Primavera na casa da Kappa Chi, a nossa irmandade. Um dos muitos eventos que Sasha e eu chamamos de diversão compulsória. Como integrantes da

Kappa, somos obrigadas a participar, mesmo que nossa presença seja apenas decorativa.

“Como se fosse um crime ter no mínimo uma melodia. Isso...” Sasha torce o nariz e estremece diante de uma sirene que berra pelo alto-falante, antes de mais uma sequência retumbante batida de baixo. “Isso é alguma merda que a CIA usava em cobaias dopadas do projeto MKUltra.”

Seguro o riso, quase engasgando com sei lá que receita de batida do YouTube que estou segurando há uma hora. Sasha, uma estudante de música, tem uma aversão quase religiosa a qualquer coisa que não seja executada ao vivo com instrumentos. Ela prefere estar na primeira fila de um show num bar, com o reverb de uma Gibson Les Paul ressoando nos tímpanos, a ser flagrada ouvindo techno sob a luz caleidoscópica de uma balada.

Não me entendam mal, Sasha e eu não temos nada contra diversão. Frequentamos os bares do campus, cantamos no karaokê no centro da cidade (bem, ela canta; eu fico no escurinho, batendo palmas sem me expor). Porra, nós já conseguimos ficar perdidas no principal parque de Boston às três da manhã, completamente sóbrias. Estava tão escuro que Sasha acabou caindo na lagoa e quase foi atacada por um cisne. Vai por mim, a gente sabe se divertir.

Mas o ritual universitário de ficar se entupindo de substâncias psicoativas até confundir embriaguez com

atração e supressão do comportamento habitual com personalidade não é o nosso passatempo preferido.

“Cuidado.” Sasha me cutuca, quando o som de gritos e assobios chega do hall de entrada. “Vai começar a confusão.”

Uma onda de masculinidade sem freio invade a casa pela porta da frente sob gritos de “*Briar! Briar!*”.

Como os Selvagens invadindo o Castelo Negro, os imensos Golias do time de hóquei da universidade marcham casa adentro, com seus ombros fortes e peitos largos.

“Glória aos campeões”, digo com sarcasmo, enquanto Sasha sufoca um sorriso malicioso com a lateral do polegar.

O time de hóquei ganhou o jogo de hoje e está na primeira rodada de partidas eliminatórias do campeonato nacional. Sei disso porque Linley, nossa colega de irmandade, namora um dos reservas, então estava no jogo postando sem parar em vez de ficar aqui, lavando banheiro, passando aspirador de pó e preparando batidas para a festa. Os privilégios de namorar alguém da realeza... Se bem que um jogador que não sai do banco não chega a ser exatamente o príncipe Harry; está mais para o filho viciado em cocaína de um aristocrata qualquer.

Sasha tira o telefone da cintura da calça legging de couro falso para ver a hora.

Olho para a tela e solto um gemido. Como assim ainda são onze da noite? Já sinto uma enxaqueca chegando.

“Relaxa”, diz ela. “Em vinte minutos, aqueles grandalhões vão secar o barril de cerveja. Aí vão atacar o que sobrou da batida. E vai ser a minha deixa. Meia hora, no máximo.”

Charlotte Cagney, a presidente da irmandade, não especificou quanto tempo a gente tinha que ficar para fazer número. Em geral, quando a bebida acaba, as pessoas começam a procurar a próxima festa, e aí é fácil desaparecer. Com alguma sorte, à meia-noite já estarei de pijama no meu apartamento em Hastings. Se conheço bem Sasha, ela vai até Boston procurar algum show ao vivo.

Eu e ela somos duas meias-irmãs desgarradas da Kappa Chi. Acabamos fazendo parte da irmandade pelos motivos errados. Para Sasha, foi por causa da família. A mãe dela, a mãe da mãe dela, a mãe da mãe da mãe dela e daí por diante foram todas da Kappa, então não havia dúvida de que sua vida acadêmica deveria incluir a continuidade à tradição. Era isso ou dar adeus a algo “frívolo e egoísta” como um diploma em música. Ela vem de uma família de médicos, então suas escolhas já são motivo de muita briga.

Para mim, bem, acho que eu planejava uma reviravolta na faculdade. De fracassada no colégio a universitária popular. Uma reinvenção. Uma reforma de vida total. O problema é que entrar no clubinho, vestir a camisa e aturar semanas de doutrinação ritual não tiveram o efeito desejado. Não saí novinha do processo. É como se todo mundo tivesse vendido a alma e recebido em troca

revelações maravilhosas, enquanto eu fiquei me sentindo totalmente sozinha e morrendo de tédio.

“Oi!”, um cara de olhos vermelhos nos cumprimenta, cambaleando para junto de Sasha enquanto conversa descaradamente com meus peitos. Nós duas somadas formamos uma mulher perfeitamente desejável. A simetria facial sofisticada dela, além do corpo magro, e meus peitos enormes. “Quer uma bebida?”

“Agora não”, Sasha grita de volta, por cima da música alta. Nós erguemos os copos quase cheios. Uma estratégia para manter os garotos de fraternidade à distância.

“Quer dançar?”, pergunta ele, inclinando-se em direção aos meus peitos como se estivesse falando com o caixa de um drive-thru.

“Desculpa”, respondo, “eles não dançam.”

Não sei se ele me ouviu ou se percebe meu desprezo, mas assente e vai embora.

“Seus peitos têm uma força gravitacional que só atrai idiotas”, diz Sasha, bufando.

“Você não tem ideia.”

Um dia, acordei e foi como se dois tumores enormes tivessem aparecido no meu peito. Desde o fim do ensino fundamental tenho que andar por aí com essas coisas que chegam aos lugares dez minutos antes de mim. Não sei qual de nós duas é um risco maior para a outra, eu ou Sasha. Meus peitos ou o rosto dela. Quando entra na biblioteca, ela causa o maior alvoroço. Os caras se



atropelam para ficar perto dela e esquecem até o próprio nome.

Um estouro alto ecoa pela casa, e todo mundo se encolhe e tampa os ouvidos. Em meio à confusão, um silêncio se instaura, e nossos tímpanos se afogam com os ecos persistentes de um zumbido.

“O alto-falante quebrou!”, anuncia uma de nossas colegas de irmandade, na sala ao lado.

Vaias por todo lado.

Começa um corre-corre enlouquecido, enquanto as meninas da irmandade tentam encontrar uma solução rápida para salvar a festa antes que nossos convidados inquietos promovam uma revolta. Sasha nem tenta esconder a animação. Ela me olha como quem diz que talvez a gente consiga escapar logo daqui.

É aí que Abigail Hobbes entra em cena.

Ela atravessa a multidão, desfilando em seu vestidinho preto minúsculo, os cabelos platinados enrolados em cachos perfeitos. Então bate palmas e, com uma voz mais do que aguda, chama atenção para seus lábios bem vermelhos.

“Gente, tá na hora de jogar Consequência ou Consequência!”

Gritinhos irrompem, e mais algumas pessoas entram na sala. O jogo é uma tradição popular da Kappa, e exatamente o que o nome indica. Alguém te desafia a fazer uma coisa, e você faz — sem a opção de escolher “verdade”. Pode ser divertido, mas na maior parte das

vezes é brutal: já causou algumas prisões, ao menos uma expulsão e, dizem, até alguns bebês.

“Então, vamos ver...” A vice-presidente da irmandade leva o indicador com a unha bem feita ao queixo e olha lentamente ao redor, examinando a sala em busca de sua primeira vítima. “Quem vai ser?”

Claro que seus olhos verdes malignos se voltam diretamente para mim e para Sasha, coladas contra a parede. Abigail caminha na nossa direção cheia de malícia.

“Ah, querida”, me diz ela, com o olhar vidrado de quem bebeu um pouco demais. “Relaxa, você tá numa festa. Melhora essa cara de quem acabou de encontrar outra estria.”

Abigail é bem cruel quando está bêbada, e eu sou seu alvo preferido. Já me acostumei com ela, mas as risadas que provoca toda vez que faz um comentário maldoso sobre o meu corpo nunca deixam de me magoar. Minhas curvas são a desgraça da minha existência desde que tenho doze anos.

“Ah, querida”, imita Sasha, mostrando o dedo médio para ela. “Por que você não vai encher o saco de outra?”

“Qual é?”, resmunga Abigail, fazendo vozinha de neném. “Tay-Tay sabe que é só brincadeira.” Ela reforça a declaração cutucando minha barriga como se eu fosse uma porcaria de um boneco da Michelin.

“Tô só preocupada com a sua calvície, Abs.”

Tenho que morder o lábio inferior para não rir da resposta de Sasha. Ela sabe que eu me acanho diante de

conflitos e nunca perde a chance de trocar farpas em minha defesa.

Abigail responde com uma risada sarcástica.

“A gente vai jogar ou não?”, pergunta Jules Munn, melhor amiga de Abigail. A morena alta se aproxima de nós, com um olhar entediado. “Qual é o problema? Sasha tá tentando fugir de um desafio de novo, que nem na festa da colheita?”

“Vai se foder”, devolve Sasha. “Você me desafiou a jogar um tijolo na janela do reitor. Eu não ia ser expulsa por causa de uma brincadeira infantil de menininhas de irmandade.”

Jules arqueia uma sobrancelha. “Ela acabou de insultar uma tradição milenar, Abs? Porque para mim foi isso o que ela fez.”

“Ah, foi sim. Mas tudo bem, vou te dar uma chance de se redimir, Sasha”, anuncia Abigail, com gentileza, e então faz uma pausa. “Humm. Desafio você a...” Ela se vira para seus espectadores enquanto pensa num desafio. Só está querendo atenção. Então se volta de novo para Sasha. “Fazer uma dupla dinâmica e cantar o hino da irmandade.”

Minha melhor amiga bufa e dá de ombros, como se dissesse: *Só isso?*

“De cabeça pra baixo e de trás pra frente”, acrescenta Abigail.

Sasha curva os lábios e meio que rosna para ela, o que faz os caras na sala urrarem, maravilhados. Eles adoram

uma briga de mulher.

“Você que sabe.” Revirando os olhos, Sasha dá um passo à frente e sacode os braços como um boxeador que se aquece para a luta.

A dupla dinâmica é outra tradição da Kappa e consiste em virar dois shots duplos da bebida que estiver disponível, depois encarar dez segundos de *beer bong* e ficar mais dez segundos de cabeça pra baixo no barril de cerveja. Mesmo as beberronas mais resistentes entre nós raramente conseguem dar conta do desafio. Depois de tudo isso, ainda plantar uma bananeira e cantar a música da fraternidade de trás pra frente é puro sadismo de Abigail.

Mas, desde que isso não a faça ser expulsa da faculdade, Sasha não é de recuar diante de um desafio. Ela prende o cabelo preto num rabo de cavalo e aceita o copo que se materializa do nada, virando obedientemente o primeiro shot, e depois o segundo. Então segue adiante com o *beer bong*, enquanto uns caras da casa Theta seguram o funil para ela, entre os gritos de incentivo da multidão ao redor. Em seguida, provoca uma cacofonia de aplausos ao dar conta do barril, enquanto um jogador de hóquei de um metro e noventa a segura de pernas pro ar. Quando é colocada de volta no chão, ficamos chocados ao vê-la de pé, ainda mais com tanta firmeza e malícia no olhar. A garota é uma guerreira.

“Chega pro lado!”, ordena Sasha, abrindo um espaço na parede oposta.

Com um floreio de ginasta, ela ergue os braços no ar e faz uma meia-estrela, recostando a bunda na parede de cabeça para baixo. Então, em alto e bom som, recita as palavras do nosso hino ao contrário, enquanto ficamos tentando acompanhar feito bobas, para ver se está cantando certo.

Ao final, Sasha aterrissa com elegância e faz uma reverência para a multidão, diante de aplausos retumbantes.

“Você é uma máquina”, digo, aos risos, enquanto ela saltita de volta para o canto das fracassadas. “Bela aterrissagem.”

“Minha aterrissagem é sempre cravada.” No primeiro ano da faculdade, Sasha era uma das melhores ginastas do mundo no salto sobre o cavalo e quase disputou a seletiva nacional para as Olimpíadas, mas arrebentou o joelho em um escorregão no gelo, e sua carreira olímpica acabou.

Para não perder a pose, Abigail se volta para mim. “Sua vez, Taylor.”

Respiro fundo. Meu coração dispara. Já consigo sentir as bochechas vermelhas. Abigail sorri diante do meu desconforto feito um tubarão alerta para as vibrações de uma foca se contorcendo em perigo. Tento me preparar para o desafio maligno que ela está maquinando para mim.

“Eu desafio você a...” Ela desliza os dentes pelo lábio inferior. Vejo minha humilhação iminente em seus olhos

antes mesmo de ela abrir a boca. “Levar o cara que eu escolher para o segundo andar.”

Vaca.

Os homens assistindo à demonstração de agressividade feminina começam a soltar gritos indecentes.

“Qual é, Abs? Ser estuprada não é uma brincadeira de festa.” Sasha dá um passo à frente, me protegendo com o próprio corpo.

Abigail revira os olhos. “Ah, deixa de drama. Vou escolher um cara legal. Um cara com quem qualquer uma ia querer se divertir. Até Taylor.”

*Deus, por favor, não me obrigue a fazer isso.*

Para meu grande alívio, a ajuda vem na forma de Taylor Swift.

“Consertamos!”, grita uma menina da irmandade, enchendo a casa de música mais uma vez.

“Blank Space” é recebida com uma onda de aplausos animados, desviando a atenção da brincadeira idiota de Abigail. A multidão se dispersa prontamente para encher seus copos e voltar às preliminares rítmicas na pista de dança.

*Obrigada, Taylor mais bonita e mais magra.*

Para meu assombro, Abigail não desiste. “Humm, e o cara de sorte vai ser...”

Engulo um gemido. Que ingenuidade a minha achar que ela deixaria pra lá. Uma vez que o desafio é lançado, se a pessoa não conseguir concluir a tarefa do melhor jeito que puder, é punida sem piedade até uma outra

pobre coitada ter o azar de tomar seu lugar. E, se depender de Abigail, isso vai acontecer três semanas depois do final da eternidade. Já tenho dificuldade de me enturmar com as outras meninas. Isso me transformaria em uma pária.

Ela examina a sala na ponta dos pés, para espiar por cima da cabeça das pessoas quem está disponível. Então um sorriso largo se abre em seu rosto, e ela se vira para mim de novo.

“Eu te desafio a seduzir Conor Edwards.”

Merda.

Putá merda.

Sim, eu sei quem é Conor. Todo mundo sabe. Ele é do time de hóquei e está em todas as festas das fraternidades e irmandades. E em todas as camas de todas as casas. Mas sua fama vem do fato de que é indiscutivelmente o cara mais bonito do terceiro ano, o que o coloca num patamar muito acima do meu. Uma escolha perfeita, se o objetivo do desafio for a minha total humilhação por ser rejeitada enquanto ele ri da minha cara.

“Rachel ainda tá em Daytona”, acrescenta Abigail. “Pode usar o quarto dela.”

“Abigail, por favor”, digo, implorando a ela para mudar de ideia. Mas meu pedido tem o efeito contrário.

“O que foi, Tay-Tay? Não me lembro de você ter se incomodado de beijar outros caras num desafio. Ou você só gosta de pegar o namorado de outra?”

Porque com Abigail é sempre a mesma coisa: vingança, e o erro pelo qual ela está me fazendo pagar todos os dias desde o segundo ano. Não importa quantas vezes eu peça desculpas, ou que eu me arrependa sinceramente de tê-la magoado, minha vida só serve para Abigail se divertir com meu sofrimento.

“Você devia procurar um médico pra tratar dessa escrotite aguda”, retruca Sasha.

“Ah, pobrezinha da Taylor, tão puritana. Cuidado com ela, ou vai roubar seu namorado”, cantarola Abigail. A zombaria ganha coro quando Jules se junta à amiga.

A provocação abala os nervos atrás dos meus olhos e deixa meus dedos dormentes. Minha vontade é de me desfazer no chão. Sumir na parede. Explodir em combustão espontânea e virar cinzas. Qualquer coisa menos estar aqui, agora. *Odeio* atenção indesejada, e a diversão às minhas custas atraiu vários rostos bêbados de volta para nós. Mais alguns segundos e a casa inteira vai explodir numa cantoria dizendo que eu sou uma puritana, como uma cena terrível saída do meu pior pesadelo.

“Tá bom!”, exclamo, só para fazer aquilo parar. Qualquer coisa para calar aquelas duas. “Que se dane. Aceito o desafio.”

Abigail sorri vitoriosa. Nem se estivesse babando ela poderia deixar sua satisfação mais óbvia. “Vai buscar seu homem, então”, ordena, estendendo a mão graciosamente atrás de si.



Mordo o lábio e sigo a linha apontada pelo braço fino, até ver Conor junto à mesa de *beer pong*, na sala de jantar.

Nossa, como ele é alto. E seus ombros são inacreditavelmente largos. Daqui não vejo os olhos, mas tenho uma visão clara do perfil esculpido e dos cabelos louros compridos afastados da testa. Deveria ser um crime ser tão bonito.

*Força, Taylor.*

Respirando fundo, reúno coragem e sigo na direção de um desavisado Conor Edwards.

## CONOR

O pessoal está enchendo a cara hoje. Faz vinte minutos que chegamos a esta festa, e Gavin e Alec já rasgaram a camiseta com as mãos e estão andando em volta da mesa de *beer pong* feito dois selvagens. Verdade seja dita, depois da vitória de hoje, eu mesmo estou com instintos meio primitivos. Mais duas vitórias, e estamos no Frozen Four. Apesar de ninguém ter coragem de dizer isso em voz alta para não dar azar, acho que este ano o campeonato é nosso.

“Con, vem aqui.” Hunter me chama do outro lado da sala, onde ele e alguns dos caras arrumaram uma fileira de shots. “Traz esses dois idiotas também.”

Nos juntamos aos nossos colegas de time, todos com o rosto vermelho e cheios de adrenalina. Nós erguemos um copo, enquanto nosso capitão, Hunter Davenport, faz um discurso. Ele não precisa nem gritar, porque tem uns dez minutos que a música parou. As meninas da irmandade estão em pânico ao redor do sistema de som da sala de estar.

Hunter olha para cada um de nós. “Só queria dizer que estou muito orgulhoso de todo mundo pelo nosso

trabalho em equipe nesta temporada. Apoiamos uns aos outros, e todo mundo se esforçou ao máximo. Só faltam dois jogos, gente. Dois jogos, e a gente tá na final. Então, aproveitem a noite. Vamos virar este shot. E depois é hora de se concentrar na reta final.”

Às vezes, nem parece verdade. Um desclassificado que nem eu numa universidade da Ivy League, socializando com os bem-educados filhos e filhas das famílias ricas tradicionais e dos pais fundadores do país. Mesmo entre os meus amigos do time, a coisa mais próxima que já tive de uma família depois da minha mãe, ainda não consigo relaxar totalmente. É como se a qualquer momento eles pudessem me desmascarar.

Depois de exclamar “Hóquei da Briar!”, viramos os shots. Bucky engole e solta um grito de guerra gutural que surpreende a todos, e então caímos na gargalhada.

“Segura a onda, camarada. Guarda pro gelo”, digo a ele.

Bucky não está nem aí. Está feliz demais. É jovem, burro e está cheio de más intenções hoje. Vai fazer alguma mulher muito feliz, tenho certeza.

Por falar em mulher, não demora muito para elas se reunirem em torno da mesa de *beer pong* quando começamos outra partida. Desta vez é Hunter e a namorada, Demi, contra mim e Foster. E Demi joga sujo. Tirou o moletom e agora está só com uma camiseta branca fina por cima de um sutiã preto, que está usando estrategicamente para nos distrair com os peitos

empinados. E está funcionando. Foster fica cego por um momento, e a bolinha cai fora da mesa.

“Porra, Demi”, resmungo, “guarda essas coisas.”

“O quê, isso aqui?” Ela segura os peitos com as mãos e levanta até quase o pescoço, fazendo cara de inocente.

Hunter acerta uma bolinha num dos nossos copos com facilidade.

Demi pisca para mim. “Foi mal aí, só que não.”

“Se sua namorada tirar a camisa, eu entrego o jogo agora mesmo”, diz Foster, tentando provocar Hunter.

Ele é uma presa fácil. Entra no modo homem das cavernas, tira a própria camiseta e veste em Demi, como se fosse um vestido folgado. “Se concentra nos copos, idiota.”

Seguro a risada, decidindo não salientar que Demi Davis ficaria gostosa até num saco de estopa. Teve uma época em que eu poderia ter feito alguma coisa a respeito, mas, antes mesmo de o próprio Hunter perceber, nós já sabíamos que nosso capitão estava caidinho por essa garota. Os dois só precisaram de um pouco mais de tempo para se entender.

Por enquanto, minhas perspectivas para a noite não são as melhores. Tá cheio de mulher bonita, isso é certo. Quando acerto uma bolinha num dos copos de Hunter e Demi, uma morena quase tenta me escalar para plantar um beijo no meu pescoço. Mas as meninas estão com uma vibe meio sedenta demais, e, até agora, ninguém despertou meu interesse.

A verdade é que elas estão todas começando a se misturar na minha mente. Já dormi com várias desde que me mudei para a Briar no outono passado. Virar o mundo de uma mulher de cabeça para baixo, fazê-la se sentir especial, é uma das minhas habilidades, mas — e eu seria motivo de chacota eterna entre meus amigos se admitisse isso para eles — nenhuma das meninas com quem estive se preocupou em tentar *me* fazer me sentir especial. Algumas fingem que querem me conhecer melhor, mas em geral não passo de uma conquista para elas, um prêmio para esfregar na cara das amigas invejosas. Metade do tempo, nem tentam conversar. Só enfiam a língua na minha garganta e as mãos na minha calça.

Nem pra comprar flores. Sei lá, acho que bastava abrir a conversa com uma boa piada. Mas é a vida...

Por outro lado, não é como se eu estivesse atrás de um relacionamento. Posso satisfazer uma mulher por uma noite ou uma semana, talvez até um mês, mas nós dois sabemos que não estou disponível no longo prazo. E por mim tudo bem. Fico facilmente entediado, e namorar é o epítome da chatice.

Mas esta noite estou igualmente entediado com o desfile de garotas que passa pela mesa de *beer pong*, todas oferecendo o mesmo sorriso inocente enquanto roçam descaradamente meu braço com a lateral do peito. Pois é, não estou no clima para nenhuma delas hoje. Cansei desse ritual de acasalamento que sempre termina do mesmo

jeito. Não preciso nem mais correr atrás, o que é metade da diversão.

A música recomeça, e as pessoas comemoram pela casa. Uma garota tenta se aproveitar do momento me puxando para dançar, mas faço que não com a cabeça e tento me concentrar de novo no jogo. Não é nada fácil, porque alguma comoção no gramado lá fora chamou a atenção de todo mundo para a janela da frente. Distraído, Foster erra completamente a bola, e estou prestes a dar uma bronca nele, quando minha visão periférica capta um borrão de movimento.

Eu me viro para a sala de estar e vejo uma loura meio assustada vindo na nossa direção. Parece um coelho disparando para a segurança da toca depois de avistar uma raposa faminta. Primeiro, acho que vai correr para a janela para espiar o que está acontecendo lá fora, mas então algo verdadeiramente bizarro acontece.

Ela vem até mim, agarra meu braço e me puxa para baixo para falar no meu ouvido.

“Desculpa, você vai achar que eu sou louca, mas preciso da sua ajuda, então, por favor, colabora comigo”, ela balbucia tão rápido que é difícil de acompanhar. “Preciso que você venha comigo até o segundo andar e finja que vai ficar comigo, mas não quero pegar no seu pau nem nada do tipo.”

Nem nada do tipo?

“É só uma brincadeira idiota, e vou ficar te devendo um favorzão se você puder quebrar essa pra mim”, sussurra

ela, apressada. “Prometo que não vou fazer nada esquisito.”

Tenho que admitir que fiquei intrigado. “Então, se eu entendi direito, você não quer ficar comigo?”, sussurro de volta, incapaz de esconder a diversão.

“Não. Quero só fingir que a gente vai ficar.”

Bem, eu com certeza não estou mais entediado.

Dou uma boa olhada nela, que tem um rosto interessante. Não é uma beldade que nem Demi, mas é bonita. Já o corpo... Cacete. Parece uma pin-up ambulante. Embaixo do suéter largo que deixa um dos ombros à mostra tem um par de seios que eu podia passar a noite inteira envolvendo no meu pau. Dou uma espiada na bunda e não consigo pensar em outra coisa além de colocá-la de joelhos na minha cama.

Mas todos esses pensamentos evaporam quando vejo seus olhos turquesa implorando por socorro, e sinto alguma coisa se partir no meu coração. Eu seria um belo de um canalha se desse as costas a uma mulher precisando tanto de ajuda.

“Alec”, chamo, sem desviar o olhar da pin-up.

“O quê?”, meu colega de time grita de volta.

“Entra aqui no meu lugar. Vê se acaba com a raça do capitão e da namorada maligna dele.”

“Pode deixar.”

Não deixo de ouvir as risadinhas de Hunter e Foster, e a gargalhada alta de Demi.

Ela volta os olhos inseguros por cima do meu ombro na direção da mesa de *beer pong*, onde Alec tomou o meu lugar. “Isso foi um sim?”, murmura.

Em resposta, prendo uma mecha de seu cabelo atrás da orelha e aproximo meus lábios dela, para falar. Porque seja lá quem está torturando essa pobre garota sem dúvida está nos observando agora, e eles que se danem.

“Me mostra pra onde eu tenho que ir, gata.”

Ela arregala os olhos e, por um momento, acho que seu disco rígido travou. Não é a primeira vez que isso acontece comigo. Então pego sua mão e, em seguida, deixando vários suspiros de choque atrás de nós, guio a menina pelo labirinto de corpos que tomaram conta da casa. O fato é que conheço bem este lugar.

Subimos a escada, e consigo sentir os olhares nos acompanhando. Ela aperta minha mão um pouco mais forte, enquanto seu cérebro reinicia. No segundo andar, ela nos leva para um quarto em que nunca estive antes e tranca a porta atrás de nós.

“Obrigada”, suspira, assim que ficamos a sós.

“Tranquilo. Posso ficar à vontade aqui?”

“Humm, não. Quer dizer, sim. Tudo bem. Pode sentar se quiser. Ou... uau, tá bom, você prefere deitar.”

Sorrio com o nervosismo visível dela. É fofo. Enquanto estico meu um metro e oitenta e sete entre bichos de pelúcia e almofadas na cama, ela continua igual a um coelhinho assustado, colada contra a porta, ofegando.



“Vou ser sincero com você”, digo a ela, entrelaçando as mãos atrás da cabeça, “nunca vi uma garota tão incomodada por estar trancada num quarto comigo.”

O comentário a faz relaxar um pouco os ombros e até provoca um sorriso tímido. “Aposto que não.”

“Meu nome é Conor, aliás.”

Ela revira os olhos. “É, eu sei.”

“Por que o desdém?”, pergunto, me fazendo de ofendido.

“Não, desculpa, não é isso. É que sei quem você é, só isso. Todo mundo no campus sabe.”

Quanto mais a observo, as mãos coladas na lateral do corpo contra a porta, um joelho dobrado, o cabelo louro escuro um pouco bagunçado e caído num dos ombros, não posso deixar de me imaginar segurando seus braços acima da sua cabeça enquanto exploro seu corpo com a boca. Ela tem uma pele bastante beijável.

“Taylor Marsh”, ela diz de repente, e percebo que não sei por quanto tempo ficamos em silêncio.

Deslizo para o canto da cama e coloco um travesseiro ao meu lado, fazendo uma barreira. “Anda. A gente vai ter que ficar um tempo aqui, podia pelo menos rolar uma amizade.”

Taylor deixa escapar uma risada e libera um pouco mais a tensão. Ela tem um sorriso bonito. Bem aberto, gentil. Mas é preciso um pouco mais de convencimento para trazê-la para a cama.

“Não inventei essa história pra dar em cima de você”, me diz ela, alinhando um monte de bichinhos para montar guarda na barreira entre nós. “Não sou uma louca que engana os homens pra levar pra cama e atacar depois.”

“Certo.” Concordo com a cabeça, com seriedade fingida. “Mas ser atacado não seria tão ruim assim.”

“Nada disso.” Ela nega com a cabeça, bem enfática, e acho que acabei de conseguir tirá-la da concha. “Nada de ataque. Vou me comportar muito bem.”

“Então me explica uma coisa, por que alguém que devia ser sua amiga está te colocando numa situação que é obviamente um pesadelo pra você?”

Taylor solta um suspiro profundo e abraça uma tartaruga de pelúcia contra o peito. “Porque Abigail é uma vaca. Nossa, como odeio aquela garota.”

“Por quê? O que aconteceu entre vocês?”

Ela lança um olhar cheio de dúvida na minha direção, obviamente se perguntando se pode confiar em mim.

“Juro por Deus”, digo. “Minha boca é um túmulo.”

Ela revira os olhos, mas me oferece um sorriso divertido. “Foi no ano passado. Uma festa igualzinha a esta. Me desafiaram a pegar um cara qualquer.”

Eu dou risada. “Estou detectando um padrão aqui.”

“Pois é, bem, eu também não fiquei muito empolgada com o desafio. Mas elas são assim, as garotas da irmandade. Sabem que tenho problema em chegar nos

caras, então gostam de mexer com as minhas inseguranças. As mais cruéis, pelo menos.”

“As mulheres são perversas.”

“Cara, você não tem ideia.”

Eu me ajeito na cama para olhá-la de frente. “Tá, continua. Você tinha que pegar um cara.”

“Isso. Acontece que...” Distraída, ela brinca com o olho de plástico da tartaruga, torcendo-o entre os dedos. “Fui até o primeiro cara que não parecia tão bêbado a ponto de vomitar em mim ou algo assim. Agarrei a cara dele, dei um beijo e, sabe como é, fechei os olhos e mandei ver.”

“É assim que se faz.”

“Bem, quando me afastei, Abigail tava me encarando como se eu tivesse acabado de tosar o cabelo dela enquanto dormia. Tava me fuzilando com os olhos. Acontece que o cara que eu tinha acabado de atacar era namorado dela.”

“Caramba, T. Que golpe baixo.”

Ela pisca aqueles olhos azuis de mar do Caribe desesperados para mim, com um beicinho triste. Fico observando-a falar, cada vez mais obcecado com a pinta de Marilyn Monroe em sua bochecha direita.

“Eu não sabia! Abigail troca de namorado como quem experimenta uma marca de cereal nova. Eu não tava em dia com a vida amorosa dela.”

“Quer dizer que ela não ficou muito feliz”, comento.

“Ela deu um ataque. Fez o maior estardalhaço na festa. Ficou semanas sem falar comigo, e quando voltou a falar

era só pra fazer comentários maliciosos e me insultar. Desde então, somos praticamente inimigas, e agora ela aproveita todas as oportunidades possíveis para me humilhar. Daí a proposta indecente de hoje. Ela tinha certeza de que você ia me rejeitar de um jeito bem escandaloso.”

Droga. Fiquei com pena da menina. Homens são bem idiotas; os caras do time fazem de tudo para atormentar um ao outro, mas é tudo brincadeira. Essa tal de Abigail já é outra história. Desafiar Taylor a pegar um estranho esperando que ela fosse brutalmente rejeitada e passasse vergonha na frente da festa inteira... isso é golpe baixo.

Começo a sentir um instinto protetor e irracional lá no fundo. Não sei quase nada sobre ela, mas Taylor não me parece o tipo de garota que trairia uma amiga de forma tão insensível.

“A pior parte é que, antes disso, éramos amigas. Ela foi minha maior aliada na semana das calouras, nos trotes para entrar na irmandade. Quase desisti uma porção de vezes, e foi ela que me ajudou a aguentar firme. Mas, depois que me mudei para fora do campus, a gente meio que se distanciou.”

Vozes do lado de fora chamam a atenção de Taylor. Olho na direção da porta e franzo a testa quando noto sombras se movendo pela fresta.

“Ai. É ela”, murmura Taylor. A esta altura, já reconheço o pavor em sua voz. Ela empalidece, e vejo as veias pulsando em seu pescoço. “Merda, estão tentando ouvir.”

Resisto ao desejo de gritar e mandar todo mundo embora. Se fizer isso, Abigail e companhia vão saber que Taylor e eu não estamos nos pegando; caso contrário, estaríamos concentrados um no outro, e não na porta do quarto. Ainda assim, essas intrometidas precisam de uma lição. E, apesar de não ter como resolver o problema de Taylor, posso dar a ela a satisfação da vitória nesta noite.

“Espero que estejam prestando atenção”, digo, com um sorriso travesso.

Então fico de joelhos e coloco as duas mãos no topo do cabeceira. Taylor me olha, desconfiada, o que só me faz sorrir de novo e começar a mover o corpo, batendo a cabeceira contra a parede.

*Bang. Bang. Bang.*

“Caralho, gata, você é tão apertada”, grito, meio alto demais.

Taylor leva a mão à boca, os olhos arregalados.

“Você é tão gostosa!”

A parede treme a cada golpe meu contra a cabeceira. Pulo de joelhos no colchão, fazendo o estrado ranger. Todos os barulhos típicos de quem está se divertindo.

“O que você tá fazendo?”, sussurra ela, admirada e horrorizada ao mesmo tempo.

“Uma encenação. Não me deixa aqui sozinho, T. Elas vão achar que tô comendo a minha mão.”

Ela balança a cabeça. Pobre coelhinha apavorada.

“Ah, devagar, assim eu vou gozar!”

Quando estou prestes a achar que exagerei, Taylor joga a cabeça para trás, fecha os olhos e solta o barulho mais sensual que já ouvi sair de uma mulher sem que eu esteja dentro dela.

“Assim, assim”, grita ela. “Ai, tô quase lá. Não para. Não para.”

Perco o ritmo, rindo histericamente. Estamos os dois vermelhos como pimentões, gargalhando na cama.

“Humm, é isso aí. Assim é bom?”

“Demais”, geme ela de volta. “Não para. Mais rápido, Conor.”

“Você gosta assim?”

“Adoro.”

“Ah, é?”

“Adoro, bota na minha bunda!”, implora ela.

Desabo na cama e bato com a testa na porcaria da cabeceira. Então encaro Taylor, pasmo.

“O quê? Eu exagerei?”, me pergunta ela, toda inocente, de olhos arregalados.

Que garota é essa? Ela é de outro mundo. “Um pouco. Pega mais leve”, sussurro.

Mas não conseguimos parar de rir, e fica mais difícil respirar e manter os gemidos sensuais. Depois de provavelmente muito mais tempo do que necessário, nós enfim paramos. Ainda estremecendo de tanto rir, ela enterra a cabeça nos travesseiros, com a bunda empinada para cima, e, de repente, tenho dificuldade de lembrar por que estamos só fingindo.

“Foi bom pra você?”, pergunto, deitado de costas. Meu cabelo está úmido de suor, e afasto-o dos olhos com as mãos, enquanto Taylor se ajeita do meu lado.

Ela me lança um olhar diferente. Um que ainda não tinha presenciado hoje — me encarando com as pálpebras pesadas, os lábios vermelhos e inchados por tê-los mordido enquanto gemia. Há muitas camadas por trás dessa máscara, profundidades fascinantes que estou cada vez mais ansioso para explorar. Por um instante fugaz, acho que ela quer ser beijada. Então ela pisca, e o momento se perde.

“Conor Edwards, você é um cara legal.”

Já fui chamado de coisa pior. Não significa que não percebo o decote delicioso quando Taylor vira de lado para me encarar. “Esse foi o melhor sexo de mentirinha que já fiz na vida”, digo, solenemente.

Ela ri.

Meu olhar percorre suas bochechas coradas, a pele sedosa e impecável. Então mergulha no decote incrível de novo. Já sei o que ela vai dizer antes mesmo de fazer a pergunta, mas as palavras saem da minha boca assim mesmo.

“E então, quer se divertir um pouco?”

## TAYLOR

Ele não está falando sério. Não pode estar. Dar em cima de mim depois do nosso teatrinho é só o jeito de Conor me fazer me sentir melhor sobre essa situação de merda. Mais uma prova de que, sob os cabelos louros compridos, os olhos cinzentos e o corpo escultural, ele tem um coração mole. Mais um motivo para eu sair correndo daqui, antes de deixar os sentimentos aflorarem, porque Conor Edwards é exatamente o tipo de cara pelo qual você se apaixona antes de descobrir que meninas que nem eu não ficam com caras que nem ele.

“Desculpa, mas a gente concordou que ninguém ia atacar ninguém”, digo, com firmeza.

Ele me lança um meio sorriso torto que faz meu coração bater mais depressa. “Não custa tentar.”

“Enfim, foi muito divertido”, digo a ele, saindo da cama, “mas acho que a gente devia...”

“Espera aí.” Conor segura minha mão. Uma onda de nervosismo sobe pelo meu braço e faz cócegas em minha nuca. “Você falou que ia ficar me devendo um favor, não foi?”

“Falei”, respondo, com cautela.



“Bem, vou cobrar esse favor agora. Só tem cinco minutos que a gente está aqui. Não posso deixar as pessoas lá embaixo achando que não sei como agradar uma dama.” Ele levanta uma sobrancelha. “Fica mais um pouco. Ajuda a manter minha reputação intacta.”

“Você não precisa de mim pra proteger seu ego. Não se preocupa, eles vão achar que você cansou de mim.”

“Eu até fico entediado com facilidade”, concorda ele, “mas você é uma sortuda, T. Tédio é a última coisa que estou sentindo agora. Você é a pessoa mais interessante com quem falo há séculos.”

“Você tá precisando conhecer mais gente”, comento.

“Qual é”, insiste ele, “não me faz voltar lá pra baixo agora. Tá todo mundo muito sedento por lá. As mulheres estão todas agindo como se eu fosse o último bife do açougue.”

“Mulheres clamando por sua atenção? Coitadinho.” Embora esteja tentando não pensar nele como um pedaço de carne, não posso negar que Conor é um belíssimo exemplar do gênero masculino da espécie. Sem dúvida, o cara mais bonito que já vi. Pra não falar o mais sensual. Ele ainda está segurando minha mão, e numa posição que faz todos os músculos de seu braço bem definido me ataçarem.

“Vai, fica e conversa comigo.”

“E os seus amigos?”, pergunto.

“Vejo todo dia no treino.” Seu polegar desenha um círculo suave na parte interna do meu pulso, e pronto,

estou entregue. “Taylor. Por favor, fica.”

É uma péssima ideia. Este é o momento que vou relembrar daqui a um ano, depois que mudar de nome, pintar o cabelo e começar a trabalhar com um crachá que diz “Olga” numa lanchonete de Schenectady. Mas seus olhos me implorando e sua pele contra a minha me impedem de sair.

“Tá legal.” Nunca tive a menor chance contra Conor Edwards. “Só pra conversar.”

Juntos, nos reacomodamos na cama, a fortaleza de travesseiros entre nós desfeita pelos movimentos e as batidas contra a parede. E o charme de Conor. Ele pega a tartaruga de pelúcia que foi parar no pé da cama e coloca na mesa de cabeceira. Acho que nunca estive aqui antes, agora que penso nisso. O quarto de Rachel é... um pouco demais. Como se uma VSCO girl e uma mãe blogueira tivessem vomitado numa princesa da Disney.

“Me conta sobre você.” Conor cruza os braços sensuais sobre o peito. “Este não é o seu quarto, né?”

“Não, você primeiro”, insisto. Se vou fazer um favor a ele, a conversa vai precisar ter um pouco de reciprocidade. “Acho que já monopolizei demais a conversa. Me conta de *você*.”

“O que você quer saber?”

“Qualquer coisa. Tudo.” *Como você é quando está pelado...* Mas não, não posso perguntar isso. Posso estar na cama com o cara mais gostoso do campus, mas vamos continuar vestidos. Eu, principalmente.

“Ah, bem...” Ele tira os sapatos com os pés e os chuta para fora da cama. Estou prestes a dizer que não vamos ficar tanto tempo assim aqui, mas ele responde. “Jogo hóquei, mas acho que você já sabe disso.”

Faço que sim com a cabeça.

“Vim pra cá transferido de Los Angeles, no semestre passado.”

“Ah, entendi. Isso explica muita coisa.”

“Explica, é?” Ele faz uma cara de ofensa fingida.

“Não no mau sentido. Quer dizer, você é a definição de uma capa de revista de surfista, mas o visual cai bem.”

“Vou considerar isso um elogio”, responde ele, e dá uma leve cotovelada na minha costela.

Ignoro o pequeno arrepio feliz que isso provoca. Esse jeito brincalhão dele é muito atraente. “Como um garoto da Costa Oeste foi acabar jogando hóquei, entre todos os esportes do mundo?”

“As pessoas jogam hóquei na Costa Oeste”, responde ele, secamente. “Não é uma coisa só da Costa Leste. Eu também jogava futebol americano no colégio, mas hóquei era mais divertido, e eu me destacava mais.”

“Então, o que fez você querer vir para o leste?” O inverno na Nova Inglaterra não é pra qualquer um. No primeiro ano, teve uma menina da irmandade que depois de seis dias com neve até o joelho pegou um avião de volta para Tampa. Tivemos que mandar todas as coisas dela por correio.

Uma sombra encobre seu rosto. Por um momento, seus olhos cinzentos perdem o foco, ficam distantes. Se o conhecesse melhor, diria que encontrei um ponto fraco. Quando ele responde, sua voz parece ter perdido um pouco da graça.

“Só precisava de uma mudança de ambiente. A oportunidade de vir para a Briar apareceu, e eu aceitei. Estava morando com a família e, sabe como é, estava ficando um pouco apertado.”

“Irmãos e irmãs?”

“Não, por muito tempo sempre fomos só eu e a minha mãe. Meu pai foi embora quando eu tinha seis anos.”

“Que droga. Sinto muito”, digo, com simpatia.

“Ah, tudo bem. Mal me lembro dele. Minha mãe se casou com outro cara, Max, tem uns seis anos.”

“E vocês dois não se dão bem?”

Ele suspira e afunda mais nos travesseiros enquanto olha para o teto. Uma ruga de irritação se forma em sua testa. Fico tentada a voltar atrás, dizer que ele não precisa falar disso e que não era minha intenção ser intrometida. Dá pra ver que é um assunto difícil, mas ele segue em frente.

“Não é que ele seja ruim. Minha mãe morava comigo numa casa alugada de merda quando eles se conheceram. Ela trabalhava sessenta horas por semana como cabeleireira pra sustentar a gente. Então aparece esse homem de negócios rico e engomadinho, tira a gente da miséria e leva pra Huntington Beach. Não dá nem pra

explicar como só o cheiro do ar já era melhor. Foi a primeira coisa que eu reparei.” Ele dá de ombros, com um sorriso depreciativo. “Mudei de uma escola pública para uma particular. Minha mãe passou a trabalhar menos, depois acabou saindo do trabalho. Mudou a nossa vida toda.” Ele faz uma pausa. “Ele é bom pra ela. Ela é tudo pra ele. Mas eu e ele não nos entendemos muito bem. Ela era o prêmio; eu era a caixa de cereal velho esquecida no armário.”

“Você não é um cereal velho”, digo a ele. É de doer o coração imaginar alguém crescendo com essa opinião de si mesmo, e me pergunto se essa persona descontraída é o jeito que ele encontrou para sobreviver às cicatrizes da sensação de abandono. “Tem gente que não é muito boa com criança, né?”

“Verdade.” Ele assente, com um ar de ironia no rosto, e nós dois sabemos que a ferida é profunda demais para ser curada com meus lugares-comuns.

“Também sempre morei sozinha com a minha mãe”, digo, mudando de assunto para afastar o azedume que recaiu sobre Conor feito uma sombra. “Sou o produto de uma noitada de amor tórrido.”

“Certo.” Os olhos de Conor se iluminam. Ele vira de lado para me encarar e apoia a cabeça numa das mãos. “Agora a conversa ficou boa.”

“Ah, sim, Iris Marsh era uma nerd de dia e uma devassa à noite.”

Sua risada rouca provoca outro arrepio. Preciso parar de ser tão... *sensível* a ele. É como se meu corpo estivesse na mesma frequência que o seu e agora respondesse a todos os seus movimentos, todos os sons.

“Ela é professora de engenharia e ciência nuclear no MIT e, vinte e dois anos atrás, conheceu um cientista russo importante numa conferência em Nova York. Eles tiveram um único encontro romântico, e depois ele voltou para a Rússia, e minha mãe voltou para Cambridge. Uns seis meses depois, ela viu uma notícia no *Times* de que ele tinha morrido num acidente de carro.”

“Putá merda.” Ele levanta a cabeça. “Você acha que seu pai foi morto pelo governo russo?”

Eu dou risada. “O quê?”

“Cara, e se o seu pai estivesse metido em alguma merda de espião? E a KGB descobriu que ele era um agente da CIA e apagou ele?”

“Apagou? Acho que você tá confundindo as gírias. Gangues apagam pessoas. E nem sei se a KGB ainda existe.”

“Claro, é isso que eles querem que você pense.” Então ele arregala os olhos. “Peraí, e se você for uma agente russa infiltrada?”

Ele sem dúvida tem imaginação. Mas pelo menos seu humor melhorou.

“Bem”, digo, pensativa, “ao meu ver, das duas uma: ou, quando chegar a hora de cumprir minha missão, em breve posso estar marcada para morrer...”

“Ah, porra.” Com uma agilidade impressionante, Conor pula da cama e espia pela janela, antes de fechar as cortinas e apagar as luzes.

Agora estamos iluminados só pelo abajur de tartaruga de Rachel e a luz da rua entrando pela fresta entre as cortinas.

Aos risos, ele volta para a cama. “Não esquenta, gata, eu te protejo.”

Sorrio. “Ou eu teria que te matar por descobrir meu segredo.”

“Ou, *ou*, me escuta: eu viro seu parceiro bonitão e musculoso, e a gente foge pra ganhar a vida como mercenários.”

“Humm.” Finjo estudá-lo, considerando a proposta. “Oferta tentadora, camarada.”

“Mas, primeiro, acho que a gente devia fazer uma revista completa e sem roupas um no outro, para ver se ninguém tá usando uma escuta. Sabe como é, pra estabelecer confiança.”

Ele é adorável, tipo um cachorrinho insaciável. “Hã, não.”

“Você é muito sem graça.”

Não sei qual é a desse cara. Ele é gentil, charmoso, engraçado — todas as qualidades com que os homens nos enganam a ponto de acreditar que podemos transformá-los em alguém civilizado. Mas ao mesmo tempo é ousado, sincero e completamente despretensioso de um jeito que quase ninguém é na época da faculdade. Na verdade

estamos todos só tentando entender quem somos enquanto fazemos cara de quem está no controle da situação. Então, como conciliar isso com a figura pública de Conor Edwards? O homem com uma lista de pegador com mais nomes do que os flocos de neve que caem em janeiro. Quem é o verdadeiro Conor Edwards?

E o que eu tenho com isso?

“E aí, você tá cursando o quê?”, pergunto, me sentindo um verdadeiro clichê.

Ele volta a cabeça para trás e solta um suspiro. “Finanças, acho.”

Certo, não é o que eu esperava. “Você acha?”

“Sei lá, não estou muito confiante. Não foi ideia minha.”

“E de quem foi?”

“Do meu padrasto. Ele enfiou na cabeça que vou trabalhar pra ele depois que me formar. Aprender a administrar a empresa dele.”

“Essa não parece ser a sua praia.”

“Não, nem um pouco”, concorda ele. “Preferia ser pendurado pelo saco a ter que vestir um terno e passar o dia preenchendo planilha.”

“O que você preferia estudar?”

“Esse é que é o problema. Não faço ideia. Acho que acabei aceitando estudar finanças porque não consegui pensar em nada melhor. Não podia fingir que tinha outro grande interesse, então...”

“Nada?”, pressiono.



No meu caso, fiquei dividida entre tantas possibilidades. Tudo bem que algumas eram sonhos que tinham ficado na infância, como ser arqueóloga ou astronauta, mas mesmo assim. Na hora de decidir o que queria fazer pelo resto da vida, não me faltavam opções.

“Do jeito como fui criado, não era como se tivesse o direito de esperar muito”, diz ele, com a voz rouca. “Achei que fosse acabar com salário mínimo, uniforme e crachá, ou na cadeia, em vez de ir para a faculdade. Então nunca pensei muito nisso.”

Não consigo imaginar como é viver assim. Analisar o futuro e não ter esperança. Isso me lembra de como sou privilegiada por ter crescido ouvindo que podia ser o que quisesse e sabendo que sempre teria oportunidades e a segurança do dinheiro.

“Cadeia?” Tento descontrair. “Você precisa se valorizar mais, cara. Com esse rosto e esse corpo, você podia fazer carreira na indústria pornô.”

“Você gosta do meu corpo?” Ele sorri, gesticulando para si próprio. “Todo seu, T. Pode vir.”

Deus, quem dera. Engulo em seco e finjo não me abalar por toda essa gostosura. “Passo.”

“Você que sabe, *cara*.”

Reviro os olhos.

“E você?”, pergunta ele. “Qual é o seu curso? Não, espera. Deixa eu adivinhar.” Conor estreita os olhos, me avaliando. “História da arte.”

Nego com a cabeça.

“Jornalismo.”

Mais um não.

“Hum...” Ele me olha com mais intensidade, mordendo o lábio. Nossa, ele tem a boca mais sexy do mundo. “Ia dizer psicologia, mas conheço os tipos que fazem psicologia, e você não é um deles.”

“Pedagogia. Quero ser professora.”

Ele ergue uma sobrancelha e depois me examina com um olhar quase... faminto. “Isso é sexy.”

“O que tem de sexy nisso?”, pergunto, incrédula.

“Todo homem tem uma fantasia de comer a professora. É sério.”

“Meninos são esquisitos.”

Conor dá de ombros, mas seu apetite continua aceso em suas feições. “Me explica uma coisa... por que você não tá com ninguém?”

“Como assim?”

“Não tem um cara em algum lugar?”

É a minha vez de me esquivar do assunto. Provavelmente tenho mais a dizer sobre a indústria têxtil do século XIII do que sobre namorados. E, como já me envergonhei o suficiente por uma noite, seria melhor não agravar minha humilhação compartilhando os detalhes da minha vida amorosa inexistente.

“Ah, então tem alguma história aí”, conclui Conor, interpretando minha hesitação como timidez.

“Desembucha.”

“E você?”, devolvo. “Ainda não escolheu a fã preferida?”

Ele dá de ombros, sem se incomodar com a provocação. “Namorada não é muito o meu lance.”

“Ui, que canalha.”

“Não, eu só tô dizendo que nunca namorei ninguém por mais do que algumas semanas. Se não dá liga, não dá liga, entende?”

Ah, conheço o tipo. Logo fica entediado. Tá sempre olhando por cima do ombro pra ver quem tá passando. Um meme ambulante.

Faz sentido. Os mais bonitos estão sempre em busca de liberdade.

“Não pense que você me enrolou”, diz ele, com um sorriso travesso. “Responda à pergunta.”

“Desculpa aí te desapontar, mas não tem ninguém. História nenhuma.” Um rolo banal no segundo ano que mal poderia ser considerado um relacionamento é patético demais para ser digno de nota.

“Qual é. Não sou tão burro quanto pareço. O que aconteceu, você partiu o coração dele? Fez o cara passar seis meses dormindo na calçada do lado de fora da irmandade?”

“Por que você acha que sou o tipo de garota por quem um cara enfrentaria chuva e granizo?”

“Tá brincando?” Seus olhos prateados percorrem meu corpo, demorando-se em várias partes antes de voltar para os meus olhos. Todos os pontos em que seu olhar pousou agora estão formigando loucamente. “Gata, você tem o

tipo de corpo que os caras imaginam debaixo do lençol depois que apagam as luzes.”

“Não faz isso”, digo a ele, sentindo todo o humor se esvaír da minha voz, enquanto começo a me virar para sair. “Não me zoa. Isso não é legal.”

“Taylor.”

Tenho um sobressalto quando ele pega a minha mão para nos manter frente a frente. Meu coração dispara, e ele aperta minha mão trêmula contra seu peito. Seu corpo é quente, mais do que firme. Seu coração mantém um ritmo rápido e constante sob a palma da minha mão.

Estou tocando o peito de Conor Edwards.

O que que está acontecendo agora? Nem nos meus sonhos mais loucos imaginei que a Festa da Ressaca de Primavera da Kappa Chi terminaria assim.

“Tô falando sério.” Sua voz soa mais forte. “Passei a noite inteira aqui imaginando todo tipo de sacanagem com você. Não confunda minhas boas maneiras com indiferença.”

Um sorriso relutante curva meus lábios. “Boas maneiras, é?” Não sei se acredito nele. Ou se o filme pornô passando na cabeça dele comigo como atriz principal pode ser considerado um elogio. Mas acho que o que vale são as intenções.

“Minha mãe não criou um cafajeste, mas posso ser bem indecente, se você quiser.”

“E o que é considerado indecente na Costa Oeste?”, pergunto, observando o jeito como seu lábio superior se

contraí quando ele está sendo atrevido.

“Bem...” Todo o seu comportamento muda. Seus olhos se estreitam. A respiração fica mais lenta. Conor lambe os lábios. “Se eu não fosse um cavalheiro, poderia tentar algo como colocar seu cabelo atrás da orelha.” Ele roça a ponta dos dedos por meus cabelos, depois ao longo do meu pescoço. Só um sussurro suave de pele contra pele.

Meu pescoço se arrepia inteiro, e minha respiração fica presa na garganta.

“E passaria meu dedo pelo seu ombro.”

É o que ele faz, acelerando minha pulsação. Um desejo cresce dentro de mim.

“E desceria até...” Ele alcança a alça do sutiã. Não tinha percebido que estava exposto pela gola do suéter, que caiu do meu ombro.

“Tá bom. Já chega, garoto.” Recuperando meu juízo, afasto a mão dele e ajeito a manga do suéter. Caramba, esse cara deveria vir com um aviso de perigo. “Acho que já entendi.”

“Você é absurdamente atraente, Taylor.” Desta vez, quando ele fala, não duvido de sua sinceridade, só de sua sanidade. Acho que um cara como ele não pegaria tanta gente assim se fosse exigente. “Não pense o contrário nem por um minuto.”

E não penso mesmo, por algumas horas. Em vez disso, me permito fingir que alguém como Conor Edwards realmente gosta de mim.

Ficamos deitados ali, no casulo ridículo da coleção de bichos de pelúcia de Rachel, conversando como se fôssemos amigos havia anos. Surpreendentemente, não falta assunto, nem há silêncios durante a conversa. Passamos de temas banais como comidas preferidas e a nossa apreciação mútua por filmes de ficção científica para assuntos mais sérios, como o desconforto que sinto entre minhas colegas de irmandade, ou histórias divertidas, como a vez em que, aos dezesseis anos, ele ficou bêbado depois de um jogo fora de casa em San Francisco e mergulhou na baía, dizendo que iria nadar até Alcatraz.

“A Guarda Costeira apareceu e...”, ele se interrompe no meio da frase, bocejando alto. “Merda, não tô conseguindo mais ficar de olho aberto.”

Seu bocejo é contagiante, e cubro a boca escancarada com o antebraço. “Nem eu”, digo, sonolenta. “Mas a gente não vai sair deste quarto até você terminar essa história, porque, cacete, que garoto idiota que você era.”

Isso desencadeia uma crise de risos do deus nórdico ao meu lado. “Não é a primeira vez que ouço isso, e não será a última.”

Quando ele termina a história, estamos bocejando, piscando depressa para tentar ficar acordados. E a discussão mais imbecil e sonolenta se segue, enquanto tentamos encontrar forças para nos levantar.

“A gente devia descer”, murmuro.

“Ã-ham”, murmura ele de volta.

“Tipo, agora.”

“Humm, boa ideia.”

“Ou daqui a cinco minutos.” Eu bocejo.

“Cinco minutos, isso.” Ele boceja.

“Tá, então a gente vai fechar os olhos por cinco minutos e depois levanta.”

“Só descansar os olhos. Sabe como é, olho cansa.”

“Cansa.”

“Olhos cansados”, ele murmura sob cílios grossos, “e eu joguei hoje, tô meio dolorido, então a gente vai só...”

Não ouço o restante da frase, porque nós dois adormecemos.

## TAYLOR

*Toc.*

*Toc.*

*Toc!*

*TOC!*

A última batida à porta me coloca de pé. Espremo os olhos e os protejo dos raios de luz que entram no quarto. Onde eu estou?

É de manhã. O dia está claro. Minha boca está seca, com um gosto amargo e espesso na língua. Não me lembro de dormir. Com um bocejo, estendo os braços, sinto os músculos se soltando. Então outro som faz meu coração parar de bater.

Um ronco. Do meu lado.

Putá merda.

Conor está deitado de bruços, sem camisa, só de cueca.

“Ei! Abre a porta! É o meu quarto!”

Mais batidas. Murros na porta.

Merda. Rachel chegou.

“Acorda.” Dou uma sacudida em Conor. Ele nem se mexe. “Cara, levanta. Você precisa ir embora.”



Não entendo como ele ainda pode estar aqui nem a que horas dormi ontem. Depois de uma conferida rápida, vejo que ainda estou de roupa e sapato, então por que diabos Conor está praticamente pelado?

“Fora do meu quarto, seus cretinos!” Daqui a pouco, Rachel vai tentar derrubar a porta.

“Anda, levanta.” Dou um tapa forte nas costas de Conor, o que o faz pular, atordoado.

“Hã?”, murmura ele, sem conseguir formar uma palavra.

“A gente pegou no sono. A dona do quarto chegou e quer entrar”, sussurro, depressa. “Você precisa se vestir.”

Conor cai da cama. Ele tenta se equilibrar, ainda murmurando coisas sem sentido. Com uma careta, destranco e abro a porta, e me deparo com uma Rachel furiosa no corredor. Atrás dela, todas as meninas da casa estão acordadas, de pijama e cabelo bagunçado, segurando canecas de café e Pop-Tarts frios. Não vejo Sasha entre elas, então imagino que acabou arrumando um show no centro de Boston e passou a noite na casa de alguma amiga na cidade.

“O que deu em você, Taylor? Por que minha porta tava trancada?”

Na multidão de rostos, vejo o sorriso cruel de Abigail. “Desculpa, eu...”

Rachel não me deixa terminar, simplesmente abre a porta e irrompe dentro do quarto, oferecendo a todas uma